



Notoriedade, proximidade e atualidade como parâmetros de seleção: um estudo do caderno *Cultura de Zero Hora* (Porto Alegre, 2012)¹

Everton CARDOSO²

Mariana SIRENA³

Bruna LINHARES⁴

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

RESUMO

Este trabalho problematiza que valores típicos do fazer jornalístico são predominantes na seleção dos temas, textos e abordagens do suplemento *Cultura de Zero Hora* (Porto Alegre), e como eles são manifestos na concretização do projeto editorial da publicação. Para tal, foi conduzida uma análise de conteúdo de 26 edições publicadas entre julho e dezembro de 2012. A partir dos valores-notícia identificados como mais frequentes nos textos – tempo, proximidade e notoriedade do sujeito –, foi realizado um estudo qualitativo das matérias em que estes estavam presentes. Percebe-se no caderno a intenção de retratar a movimentação o campo da produção cultural local, mas sem estar restrito a ele. Há também a preferência por pautas que tenham uma relação com o tempo presente – seja por serem atuais, seja por terem sido atualizadas por meio de efemérides.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo cultural; Suplemento semanal de cultura; caderno *Cultura; Zero Hora*; valores-notícia

1 Introdução

O jornalismo é frequentemente descrito como o discurso da realidade, um modo de conhecimento ancorado na imediaticidade do real e no senso comum (MEDITSCH, 1997). A partir disso, o jornalismo cultural posiciona-se como espaço de mediação e guia de consumo cultural, deixando transparecer um retrato da movimentação do campo da produção da cultura que traduz os critérios de seleção e traços típicos do fazer jornalístico (GOLIN; CARDOSO, 2010). Nesse lugar de interseção entre os campos do jornalismo e da produção cultural, a visibilidade advinda do poder de nomear e silenciar do discurso jornalístico (BERGER, 2003) torna-se meio de obtenção de capital simbólico e, portanto, objeto de disputas entre os agentes de ambos os campos.

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 30 de maio a 01 de junho de 2013.

² Doutorando e mestre em Comunicação e Informação pelo PPGCOM/UFRGS. Jornalista SECOM/UFRGS. Docente nos cursos de Comunicação Social da Unisinos, email: cardoso.everton@hotmail.com.

³ Mestranda no PPGCOM/UFRGS, bolsita Capes. Jornalista, email: sirena.mariana@gmail.com

⁴ Graduanda no curso de Comunicação Social – Jornalismo na FABICO/UFRGS. Bolsista de Iniciação Científica PROPESQ/UFRGS, email: brunanatasha91@gmail.com



Considerado que, atualmente, a circulação é, em muitos casos, a medida do êxito de produtos, bens e autores, a divulgação é mecanismo necessário à sua existência. Por essa razão, boa parte do que se cria e se produz em termos de cultura prevê, desde o início, estratégias para levar a público o produto e o pensamento do criador – sujeito que personifica a obra e mobiliza capital simbólico ao redor da assinatura (BOURDIEU, 1983) –, sobretudo para assegurar que, em algum momento, o produto cultural chegue à fruição, ao consumo.

No cobiçado espaço do jornalismo cultural, portanto, é possível vislumbrar acontecimentos e produtos cuja proeminência corresponde, simultaneamente, ao que o campo da produção cultural permite ver e ao que o jornalismo hierarquiza como merecedor de espaço. Por essa razão, enquadrados na lógica da noticiabilidade, lançamentos, estreias, premières, premiações, festivais, inaugurações e exposições – bem como os eventos e produtos ligados a eles ou deles decorrentes – tornam-se a garantia de visibilidade – e, portanto, de capital simbólico – para autores, artistas e outros agentes.

Tendo esses pressupostos em vista, o presente trabalho pretende problematizar que valores típicos do fazer jornalístico são predominantes na seleção dos temas, textos e abordagens do suplemento *Cultura*, de *Zero Hora*, e como estão manifestos esses valores na concretização do projeto editorial da publicação. Para tal, foi conduzida primeiramente uma análise de conteúdo do *corpus* selecionado – 26 edições publicadas entre julho e dezembro de 2012. A seguir, a partir dos valores-notícia mais frequentes identificados nos textos – tempo, proximidade e notoriedade do sujeito – foi realizado um estudo qualitativo das matérias em que estes estavam presentes, a fim de perceber manifestações de traços característicos do caderno.

Esta pesquisa é decorrente do trabalho desenvolvido na disciplina Jornalismo, cultura e arte, ministrada pela Profa. Dra. Cida Golin no PPGCOM/UFRGS, e se insere no projeto “Jornalismo e sistema cultural: estudo da representação da cidade no suplemento *Cultura de Zero Hora* (2006-2009)”, do Grupo de Estudos em Jornalismo e Publicações Culturais, ligado ao Laboratório de Edição, Cultura e Design (Lead), da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FABICO/UFRGS). A equipe que se dedica a esse projeto é formada pelos autores deste trabalho e pela profa. Dra. Cida Golin (coordenadora).

2 Os valores-notícia na lógica dos suplementos



O jornal *Zero Hora* é atualmente o único veículo de comunicação impresso do Rio Grande do Sul que publica semanalmente um suplemento dedicado a assuntos relacionados à cultura. O caderno *Cultura*, assim, figura entre os representantes contemporâneos da tradição brasileira desse formato, cuja gênese situa-se na década de 1950. Surgidos como espaços para a expressão da intelectualidade da época, os suplementos literários e culturais tornaram-se palco para debates das áreas das artes e das letras. Até hoje, atuam como guias sobre o que é ser culto ou ilustrado em determinado contexto social, portando assim o ideal do jornalismo cultural de formação do leitor (CARDOSO; GOLIN, 2010).

A historiografia da imprensa aponta as origens dos cadernos culturais nas páginas femininas, nos folhetins e rodapés de jornais de fins do século XIX, assim como nas revistas ilustradas da primeira metade do século XX. Editados e redigidos geralmente por escritores e críticos, os suplementos dos anos 1950 tinham como características o predomínio do texto sobre as imagens, a publicação de contos e poemas, a presença marcante da crítica cultural e o foco na literatura brasileira (SANT'ANNA, 2001). Eles dirigiam-se geralmente para as parcelas mais “refinadas” das classes médias urbanas.

Com o passar do tempo e com a profissionalização do jornalismo, as críticas de escritores, aprofundadas, foram dando lugar às resenhas de jornalistas. Nesse processo, as casas editoriais ganharam importância como provedoras de pautas. Os textos críticos foram sendo transferidos para a academia e para as revistas especializadas, e as matérias dos jornais passaram a ser mais padronizadas e acessíveis à leitura geral. Na função da edição, os jornalistas substituíram os escritores. As páginas dedicadas à literatura e às artes acabaram por assumir um posicionamento mais de orientação sobre o consumo de produtos do sistema cultural do que de avaliação, experimentação e debate de ideias, como se via nos anos 1950.

A palavra “suplemento” por si só já indica a lógica de funcionamento desses cadernos no contexto do jornal: eles não são indispensáveis na publicação, mas acrescentam a um todo, sendo um “algo a mais”, ou um bônus dado ao leitor (SANTIAGO, 2004). A leitura sobre assuntos ligados às artes e à literatura representa *status* e, conseqüentemente, diferenciação, de forma que o acompanhamento dessas páginas pode ser considerado elemento de distinção social. Compostos frequentemente por textos mais longos e aprofundados do que os do jornalismo diário, os suplementos pressupõem um tempo maior não só para a sua produção, mas também para a leitura e



reflexão. Eles são publicados geralmente no sábado ou no domingo, período de lazer e ócio a ser ocupado de forma “inteligente”.

Ao dedicar espaço à formação intelectual do seu público, o veículo de comunicação ganha prestígio. Frequentemente, a receita gerada por publicidade nas páginas dos suplementos não cobre os custos de sua produção. O retorno é simbólico, uma vez que o investimento dos jornais na difusão da cultura letrada, da palavra de escritores e da cobertura das artes representa desprendimento e denegação do interesse econômico, em conformidade com um ideal educativo (TRAVANCAS, 2001). Em alguns casos, não há nessas páginas espaço destinado a anúncios, o que reforça esse ideal do investimento na elevação do espírito por meio da leitura.

A suplementaridade é um aspecto de diferenciação dos cadernos de cultura em relação ao jornalismo diário, e como elementos distintos do corpo do jornal, eles são regidos por lógicas específicas. A mediação entre os acontecimentos do mundo e o público, feita pelo jornalismo, nesse caso, é atravessada não só pelas questões tradicionais das rotinas produtivas da atividade, mas também pelos valores da esfera cultural com que ela entra em contato.

Nesse sentido, a noção de valor-notícia coloca-se como parâmetro de identificação do quanto um fato tem o potencial de tornar-se notícia (TRAQUINA, 2005). É, pois, essencial para a compreensão de como um suplemento define quais manifestações e debates do universo da cultura entram nas páginas do jornal ou ficam de fora delas. Esses valores fazem parte da cultura profissional da comunidade jornalística e podem ser compreendidos apenas nesse contexto, levando em conta também as conjunturas específicas de produção. A partir desses parâmetros, os jornalistas controlam que tipos de acontecimentos passam pelo relato noticioso, já que a capacidade de cobertura jornalística é limitada frente à multiplicidade de fatos sociais. Tais critérios são peças-chave para o entendimento das formas de seleção utilizadas pelas publicações, evidenciando também, em linhas gerais, projetos editoriais.

Essas “lentes” pelas quais o jornalista visualiza na realidade aquilo que virá a ser publicado e tornado de conhecimento dos leitores adquirem no jornalismo cultural contornos particulares, configurando-se como códigos possíveis para a interpretação da cultura de uma época. A questão da visibilidade, essencial para o campo cultural, é colocada em jogo nessa relação, já que as maneiras pelas quais os jornalistas culturais identificam uma notícia enquanto tal podem determinar a existência pública ou silenciamento de produtos e ideias desse campo. Na presente pesquisa, foram tomados



por base os critérios de seleção substantivos segundo Traquina (2005)⁵ para identificar a lógica editorial do suplemento *Cultura*.

3. Caderno *Cultura* e os suplementos no RS

Publicado pelo jornal *Zero Hora*, o diário de maior circulação no sul do Brasil e o sexto maior do país⁶, o *Cultura* circula todos os sábados e é vinculado à editoria do *Segundo Caderno*, suplemento diário que se destaca principalmente pela divulgação de agenda e prestação de serviços da área cultural. As oito páginas do *Cultura* compõem, assim, um espaço dedicado ao aprofundamento e debate de questões que, em geral, não são discutidas à fundo no corpo principal do jornal. Tal função e pretensão foram reafirmadas em 1998, logo após uma reforma gráfica no caderno, pelo então diretor de redação do jornal, Marcelo Rech, na seção *Opinião*:

“O *Cultura* é hoje virtualmente a única válvula de escape na imprensa diária do Estado para apresentar controvérsias e mergulhar nas grandes questões do pensamento mundial. Ele reflete a vitalidade da força intelectual gaúcha, traz à luz para mais de um milhão de leitores temas e biografias que, de outro modo, seriam relegados a nichos de discussão [...]” (RECH, 1998, apud KELLER, 2012).

A declaração, que remete à intelectualidade, ao embate de opiniões e à relação com o público do jornal, evidencia a manutenção de ideais presentes desde a fundação do suplemento, em 1967. Conforme Keller (2012), o *Caderno de Cultura*, que começou a circular em 13 de abril daquele ano, sob a supervisão de Guilhermino César e direção editorial de Sidney Schestaski e Marcos Faerman, tinha como características a colaboração de intelectuais, os artigos opinativos e a tentativa de fidelizar o leitor. Na época, o jornal *Zero Hora* circulava havia apenas três anos, mas o suplemento já trazia nomes significativos como Erico Verissimo, Dom Vicente Scherer, Luiz Pilla Vares e o próprio Guilhermino César, que assinaram textos na primeira edição. A primeira tentativa de implementar um suplemento cultural de *Zero Hora* durou três anos, até abril

⁵ O autor divide os valores-notícia em dois grupos: os de seleção, que dizem respeito à escolha dos jornalistas sobre os fatos a partir das suas qualidades próprias, e os de construção, que se referem aos aspectos ligados aos acontecimentos que serão ou não incluídos no relato jornalístico. Quanto ao primeiro grupo, uma subdivisão é estabelecida. Os valores-notícia de seleção podem ser substantivos, quando tocam na avaliação direta sobre o acontecimento em termos de importância ou interesse (a morte, a notoriedade, a proximidade, a relevância, a novidade, o tempo, a notabilidade, o inesperado, a polêmica e a infração são exemplos), ou contextuais, quando se referem às possibilidades e limitações próprias do contexto de produção da notícia.

⁶ Dados da Associação Nacional de Jornais (ANJ) referentes ao ano de 2012.



de 1970. O projeto voltaria a ser retomado em 1981, com o nome de *ZH Cultura*. Em 1992, uma nova mudança culminou com a transformação do caderno, que passou a se chamar *Cultura*, nome que se mantém hoje.

O suplemento ganha relevância quando contextualizado no cenário jornalístico regional contemporâneo. Em 2012, deixou de circular a revista *Aplauso*, publicação dedicada a debates da área cultural com foco no Rio Grande do Sul. Entre os jornais de Porto Alegre, o único que publica páginas diferenciadas sobre cultura nos finais de semana é o *Jornal do Comércio*, com o caderno *Viver*. Porém, essa publicação segue basicamente a mesma lógica da editoria diária de cultura do jornal: a divulgação de eventos e produtos do sistema cultural, ou, como consta na descrição presente na página virtual do veículo, das “melhores opções para o fim de semana”. O jornal *Correio do Povo*, vinculado à rede Record, mantém um caderno diário chamado *Arte e Agenda*, que como o próprio nome indica, enfoca a programação, sendo composto principalmente por notas breves. Na mesma linha de atuação, porém mais vinculada às variedades, está a editoria de cultura do jornal *O Sul*, que além de trazer roteiro de eventos culturais, direciona-se para a cobertura do mundo das celebridades e da televisão. Sendo assim, o *Cultura* configura-se como lugar privilegiado e especializado dentro do espaço jornalístico local, o único que busca dar visibilidade às discussões da intelectualidade e da cultura.

No período analisado nesta pesquisa, julho a dezembro de 2012, o cargo de editor do suplemento passou por dois jornalistas: Luiz Antônio Araújo, de 7 de julho a 13 de outubro, e Sandra Simon, de 20 de outubro a 29 de dezembro. Araújo, graduado pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e mestre em Comunicação pela UFRGS, trabalha em *Zero Hora* desde 1996 e teve passagem pelo *Cultura* em duas ocasiões: de 1997 a 1998 e de 2009 até outubro de 2012. Nesse intervalo, passou por editorias como *Capa*, *Geral*, *Digital* e *Política*. Com a saída do *Cultura*, assumiu a editoria de *Mundo*. Sandra Simon, por sua vez, veio do *Donna Online*, do qual era uma das editoras. É importante ressaltar, no entanto, que, apesar de a subjetividade do profissional da edição ser fator determinante quando se reflete sobre o perfil editorial de um caderno ou editoria, não foram observadas alterações profundas no direcionamento do suplemento decorrentes dessa mudança.

Uma das características significativas do *Cultura*, marca também do jornal que o veicula, é a constância da colaboração de colunistas. No período analisado, eles foram quatro: Celso Loureiro Chaves, músico e professor, que assinou *Sonoridades*, sobre



música; o professor Claudio Moreno, abordando a língua portuguesa em *O Prazer das Palavras*; Ricardo Chaves, fotógrafo que explorou assuntos ligados à fotografia em *Reflexo*; e Luís Augusto Fischer, escritor e professor, enfocando principalmente literatura em *Pesqueiro*. Houve ainda, em todas as edições, na página oito, o folhetim *Você sabe de onde eu venho*, do escritor Tabajara Ruas, assinalando a presença da ficção no suplemento.

Ao longo da presente investigação, foram levantadas algumas características do caderno, com o objetivo de esboçar um perfil editorial da publicação. Foram observados os gêneros, autores, temas e ganchos jornalísticos mais recorrentes. Os gêneros predominantes no corpus estão relacionados a esses espaços fixos do suplemento: dos 176 textos analisados, 20% são colunas e 16% são de ficção. As críticas e resenhas também aparecem em 16% do material, demonstrando a ligação do caderno com a avaliação dos produtos do sistema cultural. Os ensaios e artigos, assinados em geral por colaboradores eventuais, compõem 15% do corpus, seguidos de entrevistas (11%), depoimentos (6%), perfis (5%), reportagens (4%), informes (3%), fragmentos de livros (3%) e infográficos (1%).

A importância dos colunistas também fica nítida quando são observados os autores mais recorrentes no corpus. Depois de Tabajara Ruas, autor de 25 ficções (15%) no total de 171 textos assinados, tem-se Cláudio Moreno e Celso Loureiro Chaves, cada um tendo sido responsável por 12 textos (7%). Ricardo Chaves foi o autor de seis textos (3%), a mesma recorrência de Luís Augusto Fischer. Os jornalistas de *Zero Hora* são os seguintes autores principais, assinando em conjunto 36 textos (21%). Eles foram representados principalmente por Carlos André Moreira (seis textos), Léo Gerchmann (cinco textos) e Fábio Prikladnicki (três textos). Os demais autores assinaram um ou dois textos, evidenciando o caráter eventual das colaborações.

Os temas em pauta no período estudado giraram em torno principalmente de dois assuntos: a história e a literatura – o primeiro incidindo sobre 29% dos textos e o segundo sobre 27%. Algumas efemérides marcaram o segundo semestre de 2012 na área literária, como veremos ao longo da análise, e influenciaram nesse resultado. O mercado editorial apareceu em 15% do corpus, o que indica a forte tendência do suplemento à atenção aos lançamentos de livros. A música e a língua portuguesa, a primeira aparecendo em 11% dos textos e a segunda em 8%, fizeram-se presentes em especial devido a duas das colunas fixas do suplemento, já mencionadas: *Sonoridades* e *O prazer das palavras*. A política e o jornalismo também foram temas abordados com



alguma frequência, incidindo sobre 7% e 5% do corpus, respectivamente, seguidos por sociologia (4%), arquitetura (4%), filosofia (4%), fotografia (4%), artes visuais (3%), artes cênicas (3%), cinema (3%), psicanálise (2%), religião (2%), identidade regional (2%), televisão (2%) e economia (2%). Foram identificados ainda textos sobre identidade nacional, museus, tecnologia, educação, comportamento, esportes e publicidade, cada um desses assuntos incidindo em menos de 1% do corpus.

Os ganchos, que podem ser interpretados como acontecimentos pontuais que justificam o espaço dado a certo assunto no jornalismo, também foram observados como elementos para a compreensão da lógica editorial do suplemento. Lançamentos, estreias e eventos aparecem como motivações mais recorrentes das matérias: 45% do material foi produzido a partir de fatos desse tipo. O critério da atualidade no jornalismo concretiza-se muitas vezes através desses ganchos, que se inserem na lógica de produção do jornalismo cultural também pelas ações de divulgação de instituições do campo da cultura. Outros ganchos identificados foram efemérides, que justificaram 23% dos textos, seguidas de outros fatos jornalísticos (18%), mortes (11%) e polêmicas (2%).

Na análise dos valores-notícia, pretendeu-se detectar a presença de cada um dos critérios usados como forma de seleção de pautas e temas por parte dos jornalistas. Esse procedimento foi feito a partir do que estava aparente no texto e, por isso, houve casos em que mais de um desses valores-notícia esteve presente numa mesma matéria. É por essa razão que os números descritos a seguir referem-se à frequência de cada valor dentro do corpus de 108 textos em que puderam ser analisados – ou seja, excluindo colunas, ficções e fragmentos de livro. O valor-notícia mais frequente foi tempo, em 56 dos textos. Este, no entanto, esteve manifesto de três formas: atualidade do tema; efeméride, em comemoração a algum ‘aniversário’ de um tema do passado; e continuidade de um tema já abordado. É um valor que está presente, portanto, em 51,8% dos textos. A seguir, os valores-notícia mais frequentes – e também discutidos neste artigo em mais detalhe e a partir de análise qualitativa – são notoriedade dos sujeitos envolvidos (55 ocorrências; 50,9%) e proximidade (51 vezes; 47,2%). Os demais valores-notícia estão manifestos nos textos da seguinte maneira: relevância (43 incidências; presente em 39,8% dos textos); polêmica (16; 14,8%); novidade (12; 11,1%); morte (11; 10,2%); notabilidade (6; 5,6%); inesperado (6; 5,6%); e infração com nenhuma incidência.



4 Tempo: atualidade e atualização

Nas páginas de *Cultura*, a articulação dos temas parte, em boa medida, da relação com o a atualidade do tema, ainda que no jornalismo cultural esse tempo tome um caráter diferente do que ocorre nas demais sessões dos periódicos. Nessa editoria, a atualidade jornalística ganha uma dimensão mais elástica e flexível. Esse valor, em geral, está ligado à vigência de um acontecimento ou àquela dimensão intrínseca a este que possui uma ligação mais pontual e imediata com o presente (RODRÍGUEZ PASTORIZA, 2006). Entre os acontecimentos que mais ganham espaço estão os eventos pensados como estratégias dos agentes interessados e produtores das notícias para chamar para outro menos pontual – e, portanto, menos palpável e menos capaz de ser enquadrado na lógica do jornalismo.

Na amostra coletada para a presente pesquisa, 56 textos apresentam o tempo como um valor prioritário, sendo que em 24 a atualidade é que guia essa relação temporal. Entre estes, predominam justamente aqueles em que um evento pontual serve como pretexto decisivo para o espaço recebido no produto jornalístico.

A estreia de uma peça de teatro, a abertura de uma exposição de pinturas, a concessão de um prêmio literário são fatos que se beneficiam claramente da ocorrência de dois traços: são deslocamentos, porque muitas pessoas conhecidas se reúnem e se juntam, umas como atores, outras como convidados ou espectadores, a um ato, e significam também aparições e podem ser ilustradas com caras: o autor da peça, o diretor da companhia, o ator ou a atriz à frente da companhia, o pintor, o autor premiado, o editor mesmo que outorga o prêmio... (GOMIS, 1991, p. 128, tradução nossa).

São esses pseudoacontecimentos (GOMIS, 1991) – criados a fim de objetivar e dar saliência a algum fenômeno para torna-lo visível (CHARAUDEAU, 2006) – que prevalecem entre os temas. Os lançamentos de livros, por exemplo, ganham relevância principalmente quando têm forma mais pontual com data e hora marcada – como o do livro *Uma história do mundo*, de Davi Coimbra, que aconteceria na Feira do Livro no dia de circulação do suplemento, 27 de outubro, e ganhou uma resenha nessa edição. Na abordagem do tema, porém, não é exatamente o evento programado para marcar o lançamento da obra que ganha relevo, mas a conteúdo da obra em si, bem como o autor e seu perfil.

Ganham espaço privilegiado, também, os acontecimentos ligados ao mundo acadêmico universitário de Porto Alegre e da região metropolitana. Prioritariamente, há espaço aberto para o Fronteiras do Pensamento, sequência de conferências realizada



anualmente por iniciativa de empresas patrocinadoras no Salão de Atos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O evento apresenta sujeitos cuja notoriedade transcende a geografia local, já que participam personalidades de renome internacional, como atestam as presenças frequentes de ganhadores de Prêmios Nobel. Neste caso, especificamente, a temporalidade ganha contornos que oscilam entre o anúncio de uma presença futura – sobretudo com a realização e publicação de entrevistas com o conferencista que participará do ciclo na semana imediatamente seguinte à circulação – e a revisão das ideias de uma presença recente. Esse é o caso, por exemplo, de um texto assinado pela professora da UFRGS Jane Tutikian em que trata da obra e das ideias do filósofo húngaro Tzvetan Todorov, conferencista do evento na semana anterior à publicação do texto.

Afora a ligação com os acontecimentos do presente imediato ou com o futuro próximo – este uma manifestação típica da lógica da antecipação e da divulgação da agenda de acontecimentos –, transparece nas páginas de cultura a tendência do jornalismo cultural de atualizar o passado por meio das efemérides. Exemplar dessa ancoragem nos intervalos regulares e que marca uma data ‘comemorativa’ é a edição de *Cultura* que circulou no dia 22 de setembro. Na data, o suplemento celebrou o cinquentenário da publicação do terceiro volume de *O arquipélago*. A obra do escritor gaúcho Erico Verissimo, o último de seu romance *O tempo e o vento*, recebeu espaço em uma edição especial de 16 páginas dedicadas quase que exclusivamente ao tema – as exceções são a coluna *Sonoridades*, de Celso Loureiro Chaves, e o folhetim de Tabajara Ruas. Para o suplemento de um periódico com preferência pelo local, como é o caso de *Zero Hora*, é de se esperar que uma efeméride ligada à literatura local ganhe força, sobretudo porque se dá justamente próxima ao dia 20 de setembro, data em que, no Rio Grande do Sul, encerram-se as comemorações da semana Farroupilha, marco da identidade gaúcha e objeto de culto e festividades no estado.

Não só efemérides locais, porém, pautam *Cultura*. Ainda que sem toda a ênfase dada à obra de Erico Verissimo, em 11 de agosto fora publicado um conjunto de três textos comemorativos ao centenário do nascimento de Nelson Rodrigues. Se, no caso do escritor gaúcho, o pretexto para a atualização estava na efeméride do lançamento de uma de suas obras; na edição dedicada ao jornalista e cronista recifense que fez carreira no Rio de Janeiro o marco era seu nascimento. Assim, do autor e de sua biografia, ou da obra e de sua história emergem de tempos em tempos – em intervalos medidos em décadas ou séculos e suas frações ou múltiplos – pretextos para dar relevo, ainda que,



concretamente, não tenha havido nenhum acontecimento novo. São, pois, acontecimentos criados tanto pelo campo da produção cultural quanto pelo próprio jornalismo a fim de atualizar o passado ao mesmo tempo que se traz à luz o cânone, o clássico consagrado pela permanência no tempo. É um reavivar que mantém na pauta artistas, autores e suas obras, e que facilita, por parte da publicação, o processo de retomada do histórico. Nesse processo, a memória torna-se presentificada e, simultaneamente, associa o periódico ao já legitimado.

5 Retratos do local e do forâneo

Tendo em vista que o diário *Zero Hora* é conhecido por sua preferência pelos temas locais e, ainda, pela ênfase nos traços que mais ligam esses assuntos ao Rio Grande do Sul, é de se esperar que, em seu suplemento, isso também ocorra. De acordo com Fonseca (2008), essa política editorial fundada na afirmação da identidade local se estabelece a partir da década de 1990, em todo o Grupo RBS, como forma de encontrar um nicho privilegiado para sua atuação que as redes e meios de abrangência nacional não seriam capazes de dar conta. No suplemento *Cultura*, esse traço se manifesta de maneira marcante. Entre os 108 textos que foram tomados para análise de valores-notícia, um total de 51, ou seja, praticamente metade deles, dão ênfase à questão da proximidade – isto é, a relação mais ou menos estreita com o Rio Grande do Sul.

Exemplar disso é a série *Visões do Rio Grande*, que apresenta mensalmente, durante todo o ano de 2012, as ideias de pensadores locais, nacionais e mesmo internacionais a respeito do RS e de sua história. Entre eles estão o historiador estadunidense Joseph Love, o sociólogo paulista Fernando Henrique Cardoso e o folclorista sul-rio-grandense João Carlos Paixão Côrtes. Há, ainda, um conjunto de textos em que essa aproximação com o local está combinada com a típica tendência do jornalismo cultural de tomar a notoriedade do sujeito-autor-artista como critério de seleção de suas pautas e elemento central de seus relatos.

Essa combinação entre notoriedade do sujeito envolvido e proximidade do tema com o local de circulação do periódico está presente em 28% dos textos categorizados, ou seja, em 33 deles. Desse cruzamento, então, surge a manifestação do traço mais marcante do jornal *Zero Hora*: o apreço pelo local. No caso do suplemento, no entanto, essa preferência tem relação com o cânone, com a notoriedade dos sujeitos envolvidos no tema. Nesse sentido, temas ligados à história do estado em que o jornal circula ganham destaque. É o caso da matéria *Gaúchos degoladores de 1924*, em que – a partir



da apresentação de livro do historiador militar Carlos Fontes recém-lançado sobre o personagem – se discute o papel desempenhado pelo caudilho Honório Lemes ao relatar a história de combatentes ligados à liderança que teriam degolado seis prisioneiros. Nesse relato – e, naturalmente, no espaço que lhe é concedido no suplemento – é possível perceber uma tentativa de tratar de um tema que, por três de suas facetas merece relevo: apresenta um personagem de destaque na história local; trata de um período importante das primeiras décadas do século XX (a Revolução Federalista de 1923); e narra um dos traços mais marcantes e pelos quais esse episódio é normalmente referenciado, as degolas.

Além dessa aproximação com a história, é possível perceber, em *Cultura*, um intento de representar os campos artístico e intelectual da cidade. Uma primeira forma de aproximação se dá por meio dos sujeitos-agentes vinculados a essas instâncias da sociedade. O pintor, desenhista e gravador Carlos Alberto Petrucci; o professor de balé Luiz Rolla; o compositor Octavio Dutra; e o arquiteto Theo Wiederspahn – este um alemão radicado em Porto Alegre – são alguns desses sujeitos cujas vidas são descritas de maneira a referendá-los como parte do cânone do campo da produção cultural local. Na abordagem dos temas, há tentativas de elevar as personalidades locais a sujeitos de relevância nacional – não que não o sejam, mas aqui interessa a estratégia adotada no texto: “A arte brasileira perdeu em 8 de junho passado o pintor Carlos Alberto Petrucci”, lamenta a abertura do texto sobre o artista visual; e Dutra é referido como “um dos precursores do chorinho no Brasil”. Com menor ambição, aparecem textos em que o relevo recai sobre a intenção de contribuir para formação do cânone local e ressaltar a relevância de sujeitos que tenham estabelecido suas carreiras aqui e contribuído para a formação e dinamização do campo artístico-cultural da cidade e do estado: Wiederspahn é descrito como responsável pela “arquitetura mais significativa da capital”. Rolla é dito “um dos precursores do balé clássico no RS”. Ainda, exemplar nesse sentido, é o relato do jornalista e crítico de música Juarez Fonseca a respeito da recém-lançada autobiografia de Luiz Osvaldo Leite, em comemoração aos seus 80 anos de idade. Leite é participante cativo de uma confraria de intelectuais locais que se reúne semanalmente há 25 anos num dos mais tradicionais restaurantes da cidade para debaterem toda sorte de temas. É, pois, mais um texto que traz à luz uma movimentação do campo intelectual da cidade. Não deixa de ser uma forma de legitimá-la, mesmo que o texto não procure fazê-lo por meio de estratégias discursivas. O simples fato de ter sido nomeado, de ter ganho espaço no suplemento – uma generosa página inteira – já



denota o quanto, para a perspectiva editorial de *Cultura*, esta é um acontecimento que reúne valores suficientes para ser nomeado – neste caso, notoriedade dos sujeitos envolvidos e proximidade do tema com os leitores potenciais são os principais.

Essa relação com a notoriedade, entretanto, não fica restrita aos sujeitos oriundos do Rio Grande do Sul. Há a presença de textos que tratam de diversos nomes importantes da cena artístico-cultural brasileira, sobretudo aqueles cuja proeminência os retira de seus contextos locais mais restritos e os projeta como nomes ‘nacionais’. É, por exemplo, o caso de Nelson Rodrigues, jornalista, cronista, dramaturgo e escritor nascido em Recife e que fez carreira no Rio de Janeiro. Ainda que o centenário do nascimento de Nelson Rodrigues tenha sido o gancho para que recebesse espaço na capa e em mais três páginas da edição de 11 de agosto, há um movimento de colocar esse como um sujeito ‘do Brasil’. Isso fica perceptível, por exemplo, na escolha de algumas fontes do centro do país – onde se concentram a maioria dos intelectuais e artistas enunciados como ‘nacionais’ – para a matéria. Entre estes estão Tania Brandão e Angela Leite Lopes, ambas professoras da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UFRJ); Alexandre Pianelli Godoy, historiador e professor da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp); e Luís Artur Nunes, diretor gaúcho radicado no Rio de Janeiro.

Também é possível ver esse intento de fazer circular pela páginas do suplemento bens e produtos culturais e autores que vêm de outras partes do país nas matérias sobre as mortes de Décio Pignatari e Oscar Niemeyer – em ambos os casos, portanto, notoriedade e morte novamente convergem, o que serve ao jornalismo cultural como gancho dar espaço a esses nomes. Com a chamada principal de capa “A poesia do concreto” a edição de dezembro anuncia as matérias sobre esses dois sujeitos, propondo uma ligação entre seus trabalhos – “um dos mestres da poesia concreta” e “o poeta do concreto armado”, diz o texto de apoio. O mesmo ocorre com a abordagem de alguns bens e produtos: o livro mais recente de Drauzio Varela, *Carcereiros*; o então recém-lançado filme “Gonzaga – de pai para filho”, dirigido por Breno Silveira.

Ainda que essa alternância entre o local e o nacional sejam predominantes, há espaço em *Cultura* para temas ligados a personalidades internacionais. Esses, no entanto, normalmente adquirem valor como pauta, para o suplemento, quando os sujeitos estrangeiros ou suas obras têm presença em Porto Alegre, ou seja, há um gancho para o local. É o caso da obra do pintor italiano Giorgio Morandi, que teve capa dedicada a sua obra na semana que antecedeu a abertura da exposição “Morandi no Brasil”, no Museu Iberê Camargo. Da mesma forma, o espaço dado os conferencistas do



Fronteiras do Pensamento – o escritor moçambicano Mia Couto, o filósofo búlgaro Tzvetan Todorov e o filósofo britânico Simon Blackburn – lhes é concedido em razão da coincidência de sua notoriedade – traduzida pelo renome e pela circulação mundial desses sujeitos – com o fato de estarem presentes na cidade. É definidora, portanto, a proximidade geográfica do evento do qual participam e não propriamente dos conferencistas. É preciso, porém, destacar que o grupo RBS tem envolvimento com o evento, sendo um de seus patrocinadores. Ainda que, pelo fluxo que ocasionam na cidade estas conferências sejam acontecimentos que receberiam a atenção do jornalismo de qualquer maneira – já que parecem reunir valores suficientes para tal –, este é certamente um fator que facilita o acesso às personalidades que participam do evento.

6 Considerações finais

Sendo o suplemento *Cultura* pertencente a uma empresa cuja política editorial é primordialmente voltada para o local, sobretudo como posicionamento de mercado, não é surpresa o fato de ele dedicar mais espaço para os temas que têm proximidade com o Rio Grande do Sul. Entretanto, como discutido anteriormente, essa proximidade está, em muitos casos, associada à notoriedade – valor muito sublinhado no jornalismo cultural – dos sujeitos envolvidos com os temas.

Além desse traço, o caderno tem uma relação com o tempo que, ainda que expandida para além do ciclo semanal, dá preferência a temas imbuídos do sentido de atualidade – o que reflete em grande medida a dinâmica do jornalismo cultural em sua relação com os eventos criados dentro do sistema de produção da cultura. Sendo o olhar para a história e para o cânone característica marcante do perfil do suplemento, o intento de atualizar temas do passado é também notável, o que ocorre por meio das efemérides e das recuperações históricas.

Dessa maneira, valores típicos do fazer jornalístico – a proximidade, a notoriedade e o tempo –, ganham contornos específicos no projeto editorial do *Cultura*, mostrando-se como elementos-chave para a edição na interpretação e relato do pensamento, da memória e da produção cultural circulante num determinado período. Levando em conta a relevância dessa publicação no contexto regional do jornalismo, pode-se afirmar que é especialmente através desses valores que se constrói o principal registro jornalístico, a partir do Rio Grande do Sul, da cultura contemporânea.



Referências

- BOURDIEU, Pierre. **A distinção**: crítica social do julgamento. Porto Alegre: Zouk, 2007.
- GOLIN, Cida; CARDOSO, Everton. Jornalismo e a representação do sistema de produção cultural: mediação e visibilidade. In: BOLAÑO, César; GOLIN, Cida; BRITTOS, Valério (org.). **Economia da arte e da cultura**. São Paulo: Itaú Cultural; São Leopoldo: Cepas/Unisinos; Porto Alegre: PPGCOM/UFRGS; São Cristóvão: Obscom/UFS, 2010.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.
- FONSECA, Virgínia Pradelina da Silveira. **Indústria de notícias**: capitalismo e novas tecnologias no jornalismo contemporâneo. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.
- GOMIS, L. Teoría del periodismo. Barcelona: Paidós, 1991.
- KELLER, Sara. **Um mapa da vida cultural no Rio Grande do Sul**: análise do caderno *Cultura*, de *Zero Hora*. Dissertação (mestrado em Comunicação e Informação) – Programa de Pró-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2012.
- RODRÍGUEZ PASTORIZA, Francisco. **Periodismo cultural**. Madri: Síntesis, 2006.
- RUDIGER, Francisco Ricardo. **Tendências do jornalismo**. 3. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.
- SANT’ANNA, Affonso Romano. Paradigmas do jornalismo cultural no Brasil. In: DINES, Alberto (org.). **Espaços na mídia**: história, cultura e esporte. Brasília: Banco do Brasil, 2001. p. 36-49.
- SANTIAGO, Silvano. **O cosmopolitanismo do pobre**: crítica literária e crítica cultural. Belo Horizonte: UFMG, 2004.
- SCHIRMER, Lauro. **RBS**: da Voz-do-Poste à Multimídia. Porto Alegre: L&PM, 2002.
- TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**: volume II: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2005.
- TRAVANCAS, Isabel. **O livro no jornal**: os suplementos literários dos jornais franceses e brasileiros nos anos 90. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.